

CONTEXTO CAPITALISTA: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DE CONCEPÇÕES CRISTÃS NO TRABALHO FEMININO

Sonalyana Jales Varelo¹

RESUMO

Historicamente, discursos religiosos influenciaram a vida das mulheres designando o comportamento e papel que estas deveriam exercer em sociedade. O contexto capitalista, demarcado pelo desejo do lucro e alicerçado sobre o patriarcado, reproduz determinações cristãs que favorecem a efetivação da lógica do sistema. Nesse sentido, a partir da difusão de uma concepção baseada no respeito à vontade divina, diversas determinações sexistas disseminam o papel objetivado da mulher, definindo seus limites e caracterizando-a como objeto de dependência, auxílio e satisfação masculina. Em vista disso, através de pesquisas bibliográficas e pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo, mediante a aplicação de questionário divulgado em meio eletrônico, o presente estudo objetiva discorrer sobre as influências de concepções cristãs sob o contexto do mundo do trabalho contemporâneo. Uma vez que, é possível associar as situações como precariedade, invisibilidade e desigualdade enfrentadas pelas mulheres à persistência da influência cristã, pois, mesmo com os diversos avanços, determinantes do trabalho capitalista possuem associação histórico-social religiosa.

Palavras-chave: Trabalho feminino, Concepções cristãs, Mulher, Capitalismo

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, religiões influenciaram na vida das mulheres através de discursos que designavam o papel que estas deveriam ocupar em sociedade. Exemplo disso pode ser visto com o cristianismo, que, decorrente da religião judaica, é engendrado em uma lógica de respeito à vontade divina, reproduzindo determinações que baseadas na noção de descendência e procriação, disseminam o papel objetivado da mulher, definindo assim, seus limites e comportamentos.

Nesse sentido, a contemporaneidade não está imune a esse processo, tendo em vista que reproduz valores tradicionalistas que efetivam a lógica do capital. O contexto capitalista, caracterizado pelo incessante desejo de lucratividade e alicerçado sobre o patriarcado, reproduz determinações cristãs que conservam concepções sexistas de inferioridade à mulher. Assim, mesmo com os avanços, tais elementos permanecem orientando relações sociais da sociedade, inclusive no mundo do trabalho.

¹ Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba- UFPB,
sonaly.jales@hotmail.com

Portanto, este estudo objetiva discutir sobre o reflexo da lógica cristã no mercado, uma vez que, esta tendência pode ser associada com enfrentamentos cotidianos do trabalho feminino, como: precariedade, invisibilidade, desigualdade, entre outros. Demonstrando assim, a necessidade de luta às condições encontradas pelas mulheres, almejando maior equidade entre os gêneros na totalidade da sociedade.

METODOLOGIA

Como aludido, este artigo objetiva analisar influências da lógica cristã sob o contexto do mundo do trabalho contemporâneo, discutindo as implicações que determinadas formulações religiosas reproduzem no trabalho feminino. Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada, realizou-se pesquisas de revisão bibliográfica reunindo apontamentos nos quais a investigação se baseou.

Atrelado a isso, foram coletados dados obtidos através de questionário divulgado em redes sociais tais como o Facebook, o Whatsapp, o Instagram e o E-mail. Permitindo com que os resultados alcançassem diferentes regiões do Brasil e público alvo abrangente visto que, pretendia-se correlacionar diferentes realidades.

O questionário foi composto por onze questões, mesclando perguntas objetivas e discursivas, conferindo, uma pesquisa tanto quantitativa quanto qualitativa. Na elaboração das perguntas, procurou-se investigar os enfrentamentos femininos do contexto capitalista correlacionando com as religiões predominante dos entrevistados e as reproduções familiares.

A partir da divulgação online, as perguntas ficaram disponíveis em meio eletrônico entre os dias 14 e 17 de agosto de 2019, atingindo setenta respostas, nas quais nenhuma das perguntas, como também, a identificação pessoal, apareciam como obrigatórias. Nessa perspectiva, no decorrer do trabalho, serão expostas as principais considerações desse estudo relacionando com os dados coletados, assim como, a exibição de resultados em gráficos.

DESENVOLVIMENTO

Os reflexos da lógica cristã na atualidade são fundamentados por diversos contextos. Da religião judaica, mesmo antes de suceder o cristianismo e islamismo, já era disseminado o estabelecimento do cuidado com os filhos às mulheres enquanto aos homens, o mandado familiar. A concepção de um Deus-masculino aparece associada à lógica patriarcal da sociedade

propiciando um distanciamento da mulher ao ser divino, visto que, para este contato, ela deveria negar sua própria identidade, o que resultou em associações às mulheres de mais suscetíveis ao mal derivando nas considerações de gênese e no mito do pecado original, em que a mulher é considerada como criação oriunda do homem (da costela) e responsável pelo sofrimento da humanidade, perpetuando assim, um ideário de necessidade da obediência feminina ao comando masculino.

a mulher era considerada, então, um acólito de Satã e portadora de uma porta úmida que se abria para o inferno. Acreditava-se que o obscuro golfo da vagina escondia, em suas águas lívidas, seivas nefastas impregnadas de pecado e doenças ignóbeis. A “sombria caverna”, o pântano pútrido, abrigava o membro considerado por Aristóteles como inobediente a seu dono. (DEL PRIORE, 2001, p.103)

Dessa forma, o ocidente cristão é alicerçado com valores tradicionalistas, enraizados por representações como no período da Grécia antiga, cuja moral do período ignorava os anseios femininos, denotando as mulheres como objetos no qual restavam a elas apenas a procriação, obediência e garantia da satisfação masculina. Nesse sentido, a partir do século IV, a dominação do homem sob a mulher defendida como sendo a vontade de Deus se torna um discurso cada vez mais hegemônico devido o domínio da igreja católica no ocidente, agregando preceitos tanto gregos quanto judaicos e cristãos.

Esse domínio conservou-se durante o período medieval, cuja sociedade estamental designava à igreja o estado de maior privilégio. Entretanto, esses valores medievais cristãos prolongaram-se ao renascimento em que, marcado de avanços científicos, ocorria uma contraposição entre a medicina, prática exercida pelos homens, e as curandeiras. Onde, o preparo de poções pelas mulheres, retornou o ideário destas como perigosas e mais uma vez, associadas ao mal. Imaginário cristão que estabeleceu bases a caças às bruxas, e conseqüentemente, ao sexo feminino. Assim, justificativas medievais perduraram em diferentes contextos, até mesmo, no período renascentista de progresso das ciências.

a ciência não nasce isenta de valores, pré-noções e preconceitos herdados da Idade Média. De fato, a ciência ocidental nasce como resultado de um misto entre ciência e religião, uma vez que os primeiros “cientistas” da era moderna eram também profundamente religiosos. Assim, o discurso científico vai manter os preconceitos e pré-noções herdados contra as mulheres (LIMA, 2010, p.6)

Nesse sentido, foram muitos anos até que se questionasse sobre uma ciência androcêntrica, ou seja, a supervalorização do pensamento masculino. Contudo, se na ciência foram possíveis gradativos rompimentos com o aspecto cristão, nas relações cotidianas certos valores preconceituosos contra as mulheres ainda permanecem com intensa influência, como

no contexto do trabalho capitalista. Deste modo, compreendendo que os preconceitos histórico-religiosos permanecem atuantes, são notórias as diferenças existentes nas atividades realizadas na esfera do trabalho da contemporaneidade, em uma tendência que reproduz uma excludente divisão sexual, numa perspectiva que reatualiza condições precarizadas, subalternas e invisibilizadas enfrentadas pelas mulheres.

Em suma, muitas vezes o trabalho das mulheres é situado a partir da Revolução Industrial, quando estas foram introduzidas ao setor fabril, entretanto, é importante salientar que mesmo antes desse período, já eram existentes diversas expressões do trabalho feminino (como: amas de leite, escravas, agricultoras, entre outras), mas que eram invisibilizados. Ou seja, diferenças nas atividades desempenhadas por homens e mulheres são existentes em todas as sociedades, no que se diz respeito à estratificação por sexo e invisibilidade de ocupações femininas. Porém, a hierarquização de tarefas no capitalismo desempenha uma valorização diversificada, já que, com o assalariamento, a atividade fora do lar passa a ser voltada à execução masculina, enquanto as mulheres são excluídas da mesma e designadas a afazeres domésticos, como uma maneira desenvolvida para lucratividade do sistema.

do ponto de vista meramente formal, é a burguesia quem define as instituições dominantes na sociedade de classes". Por outro lado, a manutenção da família na classe trabalhadora se deve à necessidade de todos os membros contribuírem com o trabalho assalariado para sua reprodução. Assim, "os imperativos econômicos, mas, também, os sociais, atuam para alcançar concordância com os valores dominantes. (BRUMER, 1988)

Nesse sentido, a invisibilidade das tarefas domésticas é apropriada pelo sistema, atingindo tanto zonas rurais, quanto urbanas, a partir da desvalorização de grande parte do trabalho realizado por mulheres, considerando-o como atividade não produtora de riqueza. É nesse ponto em que podemos perceber que "o controle sobre as mulheres é mantido diretamente na família pelos homens, mas é ao mesmo tempo apoiado por instituições sociais tais como o Estado e a religião" (BRUMER, 1988). Evidenciando a persistência e influência de designações cristãs e tradicionalistas sob o agir feminino para manutenção da ordem vigente.

É importante perceber que a partir do final da década de 70, ocorreram intensas transformações no mundo do trabalho como tentativa de contenção da crise, o que resultou em uma reestruturação da produção, na desintegração do modelo fordista e desenvolvimento do Toyotismo. Assim, é observado um período de inúmeras exigências configurando um novo perfil de trabalhador capaz de realizar diversas tarefas ao mesmo tempo.

Essa demanda exigida pelo modelo produtivo incidiu em maiores níveis de exploração, precarização e no surgimento de diversas formas de trabalho. No caso das mulheres, essas

exigências aparecem associadas a atributos naturais, observando assim, o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, mas em setores precarizados e desvalorizados. Portanto, as atividades tradicionalmente desenvolvidas pelas mulheres no âmbito da esfera familiar são transferidas ao trabalho, concedendo a estas ocupações subalternas caracterizadas por menores níveis de especialização e atribuição de salários mais inferiores que os dos homens.

segundo as pesquisas de Helena Hirata, realizadas em fábricas do Brasil, do Japão e da França, as mulheres, na indústria, tendem a ocupar os postos de “trabalho intensivo”, nos quais prevalece o trabalho manual, repetitivo, sem emprego e investimento em tecnologias, enquanto os postos ocupados pelos homens caracterizam-se pelo emprego de “capital intensivo”, ou seja, de maiores investimentos em tecnologias de produção, sendo, portanto, postos mais valorizados porque mais demandadores de “qualificação”. (FERREIRA, 2005, p.35)

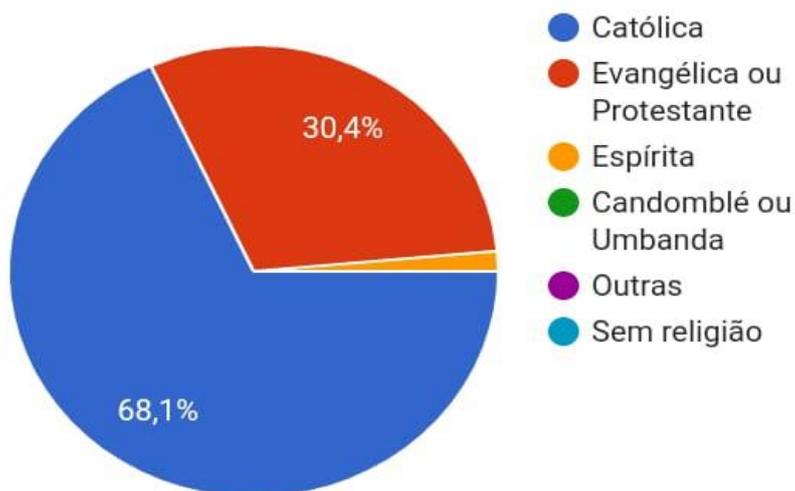
Desta maneira, a hierarquia persiste determinando socialmente os papéis sexuais, sendo notórios poucos estímulos para que as mulheres garantam habilidades para competição profissional. Diante essa tendência, percebe-se que apenas uma reduzida elite ocupa cargos qualificados e que para conciliarem suas atuações, conferem atividades domésticas a mulheres mais pobres e em sua maioria, negras. Resultando assim, na maior atuação feminina voltada ao mercado de serviços informais, na prestação terceirizada. Nessa perspectiva, são acirradas diversas discrepâncias com relação a gênero, classe e raça.

Não obstante, pesquisas recentes demonstram que menor porcentagem das mulheres corresponde a cargos de chefia e/ou gerenciamento, demonstrando assim, que mesmo com o maior número de mulheres no mercado de trabalho, quando relacionada a cargos de maior nível hierárquico, essa tendência se reduz. Nesse sentido, pode-se considerar a persistência de reflexos de bases da religião cristã, da lógica grega em que restringia a conduta das relações sociais ao homem, em uma perspectiva de necessidade da obediência feminina ao comando masculino que é reatualizada no contexto do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das exposições, torna-se possível perceber a persistência de influências de concepções de bases cristãs sob o contexto do mundo do trabalho contemporâneo. Tendência que reproduz uma excludente divisão sexual e que foi evidenciada nesta pesquisa com a aplicação de questionário divulgado em meio eletrônico cujo, alcance foi de um público de setenta pessoas.

Dos setenta participantes, a maior porcentagem das perguntas foi respondida por estudantes entre 19 e 25 anos, onde aproximadamente 63,8% foram mulheres. Quanto a religião predominante nas famílias, o catolicismo e protestantismo aparecem em maior proporção, o que demonstra maior possibilidade de aceitação da disseminação de discursos e reproduções baseadas em concepções de origem cristãs.



Não obstante, também foi possível perceber as discrepâncias quanto aos cargos ocupados entre os sexos, em uma tendência supracitada no tópico de discussão, onde para as mulheres são designadas às tarefas do lar. Numa perspectiva religiosa em que a responsabilidade de cuidado com os filhos e com a família são destinadas ao sexo feminino. Segundo o gráfico obtido com o questionário, os homens em sua maior parte da vida, trabalham ou trabalharam nas categorias de funcionários públicos, no comércio, banco, transporte e hotelaria. De maneira, que não foi obtida nenhuma resposta de homens que tiveram a maior parte de suas atividades designadas ao lar.



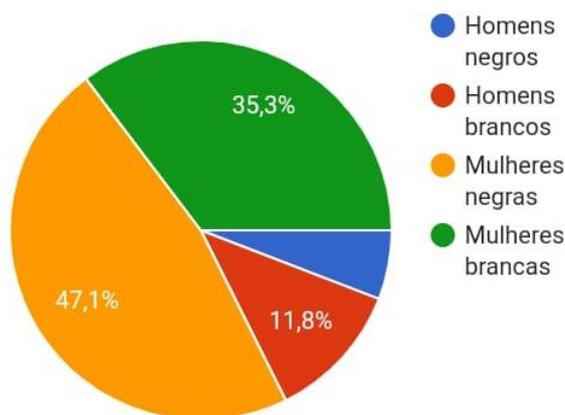
Diferentemente, para as mulheres cerca de 27,5%, trabalharam como atividade não remunerada no lar. Em suma, isso demonstra que a atividade fora do lar passa a ser predominantemente voltada à execução masculina, enquanto as mulheres são excluídas da mesma e designadas à afazeres domésticos, como uma maneira desenvolvida para lucratividade do sistema, visto que, como discutidas no tópico acima, estas atividades são invisibilizadas e não consideradas como trabalho para o capital.



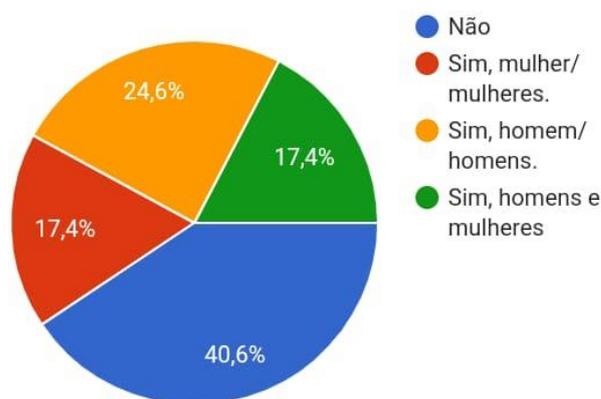
Como discutido, em uma compreensão de reatualização de antigas condições, ao enfrentarem o mercado de trabalho, as exigências às mulheres aparecem associadas a atributos naturais, que dessa maneira, incide no aumento da participação feminina, entretanto, em setores precarizados e desvalorizados. Portanto, as atividades tradicionalmente desenvolvidas pelas mulheres na esfera familiar são deslocadas concedendo a estas ocupações subalternas caracterizadas por menores níveis de especialização e atribuição de salários mais inferiores que os dos homens.



Diante o exposto, apenas uma reduzida parcela feminina ocupa cargos qualificados e para conciliarem suas atuações, conferem atividades domésticas às mulheres mais pobres. Nesse sentido, quando estas atividades são realizadas por funcionários, 82,4% são realizadas por mulheres, onde, 47,1% são negras. O que revela diversas discrepâncias com relação a gênero, classe e raça.



Ainda sobre isso, pode-se considerar a persistência de reflexos de bases da religião cristã, da lógica grega em que restringia a conduta das relações sociais ao homem, em uma perspectiva de necessidade da obediência feminina ao comando masculino que é atualizada no contexto do trabalho. Visto que, esse fator de obediência é transferido ao mercado de trabalho, de maneira que os cargos de chefia são na maior parte das porcentagens realizadas por homens.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões, percebe-se que determinantes do trabalho capitalista possuem associação histórico-social religiosa, fundamentados por diversos contextos. Dessa maneira,

alicerçado em uma sociedade sexista que inferioriza o sexo feminino, são inúmeros os reflexos da lógica cristã no mundo do trabalho. Tendo em vista que, reproduz valores tradicionalistas que efetivam a lógica do capital de maneira que concepções religiosas influenciam na vida das mulheres designando seus limites e comportamentos, caracterizando-as como objeto de dependência, auxílio e satisfação masculina.

Portanto, análises como essa permitem a percepção de necessidade de políticas públicas almejando a equidade entre os gêneros na sociedade, e no mercado, atrelada a direitos e ações sociais que se direcionem para o enfrentamento da persistência da precariedade no trabalho. Visto que, o contexto atual reproduz reatualizações de antigas condições trabalhistas baseadas em concepções patriarcais e excludentes fundamentados sob a lógica cristã, para manutenção e estabelecimento do capitalismo.

REFERÊNCIAS

BRUMER, Anita. **O sexo da ocupação: considerações teóricas sobre a inserção da mão-de-obra feminina na força de trabalho**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 1988. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_08/rbcs08_02.htm>, Acesso em: 10. Jun. 2019.

DEL PRIORE, M.: **Homens e mulheres: o imaginário sobre a esterilidade na América portuguesa. História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, vol. VIII: 98-112, mar.-jun. 2001.

FERREIRA.V. et al. **Mulher e trabalho encontro entre feminismo e sindicalismo**. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia; São Paulo: Secretaria Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT, 2005.

LIMA, Maria Ednalva B. de et all(org). **Um debate crítico à partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero**. São Paulo: CUT, 2002.

LIMA, Rita de Lourdes. **O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres**. 2010. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277853385_ARQUIVO_comunicoralt rabcompletoGenero.pdf>, Acesso em: 15.Jun. 2019.